

# Sarney diz que só paga dívida sem sacrifício

Caracas O presidente José Sarney afirmou ontem que seu País não está disposto a converter o tema da dívida externa em uma questão ideológica, porém não imporá maiores sacrifícios a seu País para pagar a seus credores.

"Não desejamos transformar o tema da dívida em parte do conflito Leste-Oeste", disse, e de imediato insistiu em que "não pagaremos" se isso representa um aumento do desemprego ou uma recessão para a economia brasileira.

O Brasil, com 100 bilhões de dólares de dívida, é o país mais endividado do Terceiro Mundo, seguido pelo México, Argentina e Venezuela.

Sarney formulou a declaração durante uma entrevista à imprensa em uma breve escala técnica que fez no aeroporto Simon Bolívar, desta capital.

Na mesma ocasião Sarney exortou a seus vizinhos latino-americanos a "apertar-nos as mãos" e "deixar de viver de costas".

Sarney reiterou o apoio decidido do Brasil ao Grupo de Contadora, que busca a paz para a América Central.

O mandatário brasileiro conferenciou durante 50 minutos com seu colega da Venezuela Jaime Lusinchi, que lhe deu uma calorosa acolhida.

Imediatamente depois, no auditório das instalações administrativas do aeroporto, Sarney leu uma declaração escrita em castelhano e depois respondeu a perguntas dos jornalistas. As perguntas se limitaram a seis, devido ao escasso tempo de que dispunha o visitante.

Sarney partiu à tarde rumo ao México onde fará uma escala numa visita de solidariedade do Brasil ao povo mexicano.

## Discurso

No plano externo, o presidente José Sarney defendeu ontem o fortalecimento das Nações Unidas e de todos os foros internacionais de negociação. Pregou uma maior unidade latino-americana, e reafirmou a prioridade a este continente na política externa brasileira. No plano interno, o presidente enalteceu a volta do poder civil a 15 de março, o renascimento democrático no País e o projeto de reforma agrária, proposto para dinamizar a produtividade do campo, com um dos pilares da estratégia de governo estabelecido para conquistar a democracia.

Estas premissas foram divulgadas em discurso feito durante sua escala em Maiquetia, na Venezuela, a caminho de Nova Iorque, onde participará da 40ª Assembléia Geral da ONU, ali, Sarney foi recepcionado pelo presidente Jaime Lusinchi com quem manteve um contato em separado, antes de seu pronunciamento em espanhol, defendendo a unidade latino-americana e o fortalecimento da democracia.



Sarney para Ulysses: «Dois abraços. Um só não dá»

## Despedida foi descontraída

"Dois abraços. Um só não dá". Com esta frase, seguida de um abraço fraterno assistido por quase todo o ministério, no saguão da Base Aérea de Brasília, o presidente José Sarney passou o poder ao presidente da Câmara, deputado Ulysses Guimarães, minutos antes de decolar, às 8:00h, para Nova Iorque, com escalas em Caracas para um almoço com o presidente venezuelano Jaime Lusinchi e na cidade do México, para uma visita de solidariedade ao presidente Miguel de La Madrid e às vítimas do terremoto que devastou aquela cidade.

O embaixador do México no Brasil, Antônio Ycasa, presente na solenidade da base, considerou a decisão do presidente Sarney de passar duas horas na capital mexicana "uma demonstração sem precedentes de solidariedade e unidade latino-americana". Sarney embarcou disposto a se encontrar com de La Madrid na residência presidencial de Los Pinos, acompanhado de parte da comitiva brasileira e, se possível, percorrer a área atingida pelo terremoto.

O presidente Sarney chegou à base às 7h23m, acompanhado de D. Marly. Lá já o aguardavam o deputado Ulysses Guimarães, o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Carlos Moreira Alves, e quase todos os ministros. Faltaram Almir Pazzianotto (Trabalho), Antônio Carlos Magalhães (Comunicações), Dilson Funaro (Fazenda) e João Sayad (Planejamento). O ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, chegou atrasado e quase perdeu a solenidade de despedida.

O assunto na Base era a escala na capital mexicana, acertada quinta-feira entre as duas chancelarias, através do único meio de comunicação disponível após o terremoto: o telex. Ao chegar na Base, o ministro das relações exteriores, Olavo Setúbal, deu a entender que a visita de Sarney ao México ainda estava sendo organizada naquele momento.

O aeroporto da cidade do México está operacional. Nenhum detalhe da escala foi organizado. Está prevista uma ida ao Palácio do Governo e uma visita às áreas atingidas pelo terremoto. Haverá um atraso de sete horas no programa original. Com isto, deveremos chegar em Nova Iorque por volta das 2 horas da manhã, hora local. Mais detalhes não tenho", disse o ministro. De tão apressado, ele acabou chamando Sarney de "presidente Tancredo" durante a rápida entrevista.

O cerimonial do Palácio do Planalto reservou uma área do saguão da Base para o cumprimento do rito constitucional da transmissão do poder, pregando na chão cartazes indicativos da posição de cada ministro. A cerimônia, no entanto, foi rápida e descontraída. Sarney e Ulysses, muito sorridentes, limitaram-se a posar à frente dos ministros e se abraçarem, sem discursos ou declarações solenes.

Após a transmissão do poder, todas as autoridades perfilaram-se para as despedidas à frente do pátio interno da base. Além dos dois ministros que acompanham Sarney na viagem — Bayma Denny (Gabinete Militar) e Olavo Setúbal (Relações Exteriores),

## Ulysses terá agenda cheia nos 4 dias

O Presidente em exercício, Ulysses Guimarães, estará amanhã em São Paulo, para abrir o XVIII Congresso Nacional de Informática e inaugurar a V Feira Internacional de Informática, no Palácio das Convenções. Hoje, ele participará de um churrasco no Clube do Congresso, no Lago Norte.

Ulysses sai de Brasília, às 6h50, no Viscount presidencial, acompanhado por nove ministros de Estado, após receber honras militares na Base Aérea. Também no aeroporto de Congonhas, onde desembarcará, será recepcionado pelo governador Ceromion previsto para o Presidente da República em viagens interestaduais. Em seguida almorçará no Palácio dos Bandeirantes, com parlamentares e empresários convidados por Montoro. Ulysses visitará, no Instituto do Coração, o deputado Wall Ferraz (PMDB-PI), ali internado. Seu retorno a Brasília está previsto para as 18h10, na Base Aérea, onde concederá a única entrevista coletiva prevista durante sua interinidade na Presidência da República.

Na terça-feira, no horário em que o presidente José Sarney costuma se reunir com o Conselho Político do Governo, Ulysses Guimarães receberá líderes de todos os partidos. Ele pretende aproveitar a ocasião para fazer um levantamento das mensagens do Executivo em tramitação na Câmara e conhecer que receptividade podem esperar das bancadas. Almoçará, em seguida, com os presidentes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Hermann Baeta, e da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Barbosa Lima Sobrinho. À tarde, o Presidente em exercício despachará com os ministros do Exército, Leônidas Pires, da Agricultura, Pedro Simon, e das Relações Exteriores, Paulo de Tarso Flecha de Lima (interino).

A manhã de quarta-feira será reservada aos parlamentares, a exemplo da praxe seguida pelo presidente Sarney. A diferença é que os deputados e senadores não terão que marcar audiência com antecedência para serem recebidos por Ulysses Guimarães. Ele reservará grande parte da tarde para receber deputados da Assembléia Legislativa de São Paulo, mas antes almorçará com o Governador Hélio Garcia. As 20 horas, o Presidente em exercício jantará no Palácio do Planalto com jornalistas.

## Uma dimensão latino-americana

Afirmado que na América Latina a democracia ainda não está consolidada, o presidente da República, José Sarney, discursou ontem aos venezuelanos.

Segue a íntegra do pronunciamento:

Gostaria, inicialmente, de expressar minha satisfação por estar na Venezuela, país ao qual o Brasil se une por tradicionais laços de grande amizade e cooperação. A Venezuela sempre apareceu aos olhos brasileiros como um exemplo de nação inspirada pela liberdade e formada por um povo valeroso, do qual sobressai a figura impar de Bolívar, herói da América Latina e da fraternidade entre nossos povos. O renascimento democrático no Brasil acrescentou um elemento fundamental na identidade de brasileiros e venezuelanos.

Alegro-me poder dirigir-me a esta plateia de jornalistas, que com seu interesse pela minha passagem pela Venezuela trazem o sentimento de grande simpatia que preside as boas relações entre nossos países. Encontrei no presidente Jaime Lusinchi um interlocutor identificado com as aspirações mais nobres do povo venezuelano e, por isso, de toda a América.

Compareço à ONU, na comemoração do seu quadragésimo aniversário, para reafirmar o nosso compromisso com os ideais, valores e princípios que deram origem à organização e que estão consagrados, de forma solene, em sua Carta. Levarei ao foro máximo da humanidade as preocupações e reflexões de um novo Brasil sobre os múltiplos problemas internacionais que nos afetam, às vezes de forma tão contundente. Penso traduzir, na abertura da Assembléia Geral, as aspirações brasileiras, que são também latino-americanas, de fortalecimento das Nações Unidas e de todos os foros internacionais de negociação. Levo, finalmente, o apelo brasileiro em prol da paz e da cooperação entre os povos, renovando nossa convicção de que a segurança só se obtém com a participação democrática, com a erradicação da miséria e da fome e com o desenvolvimento.

Minha escala na Venezuela, para conversações com o presidente Lusinchi, dá também uma dimensão latino-americana a visita às Nações Unidas. Na ONU, as preocupações brasileiras iden-

tificam-se plenamente com as aspirações e propostas da América Latina, um continente afetado por duas graves crises — uma, política, outra econômico-financeira —, mas que demonstra sua determinação em vencê-las precisamente empenhando-se no fortalecimento da democracia, do diálogo e da negociação. Nós, latino-americanos, sempre afirmamos que somos irmãos, mas vivemos sempre de costas. Devemos, agora mais do que nunca, estar de mãos apertadas e solidárias.

Na Venezuela, encontro novamente ocasião para reafirmar, de maneira expressa, a prioridade latino-americana da política externa brasileira. Uma prioridade que não se esgota no intercâmbio comercial, tão afetado pela conjuntura, mas que se estende ao diálogo político e à troca de impressões e experiências entre países aproximados por projetos semelhantes e pelos mesmos ideais.

O Brasil passou por profundas transformações políticas e institucionais neste último ano. A posse, a 15 de março, de um governo civil veio consolidar os ventos de mudança que permearam todos os estratos da sociedade brasileira.

O renascimento democrático do Brasil veio das ruas, da consciência clara e por vezes dramática do povo de que a sua participação e o fortalecimento das instituições democráticas são um instrumento necessário para alcançar o desenvolvimento e o bem-estar.

Vivemos um momento fascinante de construção da democracia. Esse processo demonstrou a determinação com que o povo se manifesta quando está em jogo a própria sobrevivência de seus valores e aspirações mais caras. No auge da movimentação cívica que levou ao Governo a inspirada proposta de uma Nova República brasileira, perdemos, numa grande tragédia, o líder Tancredo Neves, que encarnou em sua pessoa as duas maiores aspirações da sociedade brasileira ao fim dos tempos: a liberdade e a segurança. A crise ao silêncio mudou e conciliou.

O trauma vivido por todos os brasileiros no início do novo Governo não arrefeceu o impulso democrático da sociedade brasileira. Ao contrário, consolidou-se a bandeira da participação e da luta democrática e renovaram-se, na consciência de todo o povo brasileiro, as reivindicações que

fizeram das campanhas de 1984 um marco da história política brasileira.

Assumi o Governo com o compromisso maior de estar à altura do momento histórico vivido pelo meu País.

Os anseios de transformação e participação imediatamente ganharam formas concretas, mediante atos que restabeleceram as prerrogativas políticas da sociedade brasileira. Vieram as eleições diretas para Presidente da República e para as Prefeituras das Capitais e dos Municípios antes classificados como de segurança nacional; revogou-se a legislação trabalhista autoritária; extinguiu-se a censura; reconheceu-se ampla e completa liberdade de associação política, permitindo-se a recomposição do espectro partidário em função do pluralismo vigente na sociedade civil; e, finalmente, para permanecermos nos atos maiores de restituição da dignidade política à Nação, convocou-se uma Assembléia Nacional Constituinte, que se reunirá dentro de pouco mais de um ano para elaborar a Lei Maior brasileira, promovendo um novo ordenamento jurídico para dar espaço às aspirações mais legítimas do povo brasileiro.

O Governo firmou um compromisso com o desenvolvimento econômico e social, como a única forma de superar a crise que nos assola. A ênfase ao social é a tarefa maior que toda a sociedade atribui ao Governo, como requisito básico de sua legitimidade, a fim de resgatar a imensa dívida moral que acumulamos em todos estes anos à custa de grandes desequilíbrios sociais e regionais.

No Brasil, como em toda a América Latina, a democracia não é ainda uma conquista definitiva. Para sê-lo, ela deve estender-se ao campo econômico e social, onde são tão grandes os nossos desafios. A democracia é, portanto, um instrumento de transformação, de reforma, de aperfeiçoamento das nossas sociedades. Ela deve ser levada ao plano internacional para que todos os povos possam participar da defesa de seus interesses e da realização de suas aspirações.

Temos imensos desafios pela frente. A participação democrática vem somar um número crescente de reivindicações legítimas aos problemas materiais que permanecem à espera de soluções. A estratégia é complexa e

necessariamente enfrenta dificuldades. Não vamos resolver em meses o que se acumulou em anos: miséria, doença, baixos níveis salariais, inflação, falta de alimentos, problemas no campo. Mas estamos tomando medidas concretas, cujos efeitos se farão sentir mais adiante. A reforma agrária, proposta para dinamizar a produtividade do campo e levar-lhe paz, progresso e justiça, é um dos pilares dessa estratégia.

A democracia no Brasil enfrenta seu maior desafio na administração dos inúmeros conflitos de interesse e das variadas pressões que sofre o País. Nesse processo, importa não perder, em nome de resultados imediatos, a perspectiva dos objetivos maiores da sociedade brasileira, por tanto tempo adiados.

Tenho afirmado reiteradas vezes que o Brasil não é um risco econômico, pelos seus recursos e potencialidades, mas pode vir a tornar-se um risco político, se a situação econômica continuar deteriorada e agravar o difícil clima social.

Essa afirmação, estou certo, vale para todo o continente. A América Latina tem sido uma fonte inesgotada de riquezas para todo o mundo. Mas as dificuldades crescentes provocadas pelos desequilíbrios externos, pelo endividamento oneroso e pelas barreiras ao seu comércio podem fazer do continente um palco generalizado de instabilidade política e social.

O ônus da correção dos desajustes que estão por trás da dívida externa, da queda dos níveis do comércio internacional e dos investimentos não pode correr apenas à conta dos países mais fracos, debilitados ainda mais por anos de crise acumulada.

O êxito que nossos povos obtiveram na consolidação da democracia e na suplantação das adversidades conjunturais e das distorções estruturais da economia será um fato extremamente positivo para todo o mundo. A democracia é um pilar da paz e da estabilidade, mas pressupõe o bem-estar e a felicidade de todos os cidadãos.

O diálogo que iniciaremos, ainda que breve, estabeleça um contato ainda maior entre as democracias do continente. Conhecendo-nos melhor, seremos mais fortes. Muito obrigado.